

**Universidade Federal De Uberlândia**

**Instituto De História**

**Curso de Graduação em História**

Leonardo Alves Bernardes da Silva

**Entre o futebol elitista e as massas torcedoras: o movimento popular das torcidas  
organizadas em São Paulo**

**Uberlândia, 2026.**

**Entre o futebol elitista e as massas torcedoras: o movimento popular das torcidas  
organizadas em São Paulo**

Monografia apresentada aos Cursos de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para a obtenção do título de Licenciatura e Bacharelado em História, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Andréa Angelotti Carmo

**Uberlândia, 2026**

**Entre o futebol elitista e as massas torcedoras: o movimento popular das torcidas  
organizadas em São Paulo**

Banca examinadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Andréa Angelotti Carmo

---

Prof<sup>a</sup> Me. Maria Eduarda Belotti

---

Prof. Dr. Jailson Dias Carvalho

## AGRADECIMENTOS

O caminho percorrido durante minha graduação em História foi longo e difícil, porém recheado de pessoas incríveis ao meu lado, sem as quais não seria possível a realização de tal percurso e do presente trabalho. Portanto, seguem os meus mais sinceros agradecimentos a todos que, de alguma forma, tornaram isso possível.

Agradeço primeiramente ao meu núcleo familiar. À minha mãe, Lilian e meu pai, Pedro, que sempre me apoiaram em todos os sentidos possíveis. Vocês são a demonstração máxima que eu pude ter sobre o que é amor e carinho e sem vocês, tampouco seria possível o meu ingresso em uma Universidade Federal, sobretudo em outro Estado.

À minha irmã, Letícia, por ser a companhia que eu sempre quis ter quando mais novo e por estar se tornando a pessoa que eu mais admiro neste mundo. Você é motivo de eu querer sempre buscar ser melhor, para ser um bom exemplo para você, sobretudo a partir dos estudos, pois sei o quanto você é dedicada!

Também as minhas avós, Izilda e Dona Néia e a minha madrinha, Cristiane. Vocês sempre me apoiaram, me deram forças e acreditaram em meu potencial. Sou grato a vocês por tudo.

Agradeço também a turma 44 da História, pelo companheirismo em todos estes anos, sobretudo ao Lucas, Samuel, Fuleco, Eduardo, Gaia e Snoop. Levarei vocês, e todos os momentos de alegria compartilhados para o resto da vida.

Meus sinceros agradecimentos também aos moradores da Rep. Mamma Mia: Pedro, Lucas, Roque, Dudu, Dodo e todos os nossos agregados, Tadeu, Gringo, Olodum. Foram anos de fraternidade que levarei com o maior carinho.

Um agradecimento especial a Atlética Humanas, sobretudo aos times de futsal e futebol de campo. Os campeonatos, amistosos, treinos e as resenhas serão sempre muito bem lembradas.

Agradeço imensamente aos meus amigos de Ribeirão Preto, em que a amizade já ultrapassa mais da metade de minha vida. Pablo, João Marcos, Diego, Gustavo e Pedro, a amizade de vocês é uma honra que poucas pessoas podem ter.

Agradeço também ao Botafogo Futebol Clube e sua maior torcida organizada, a

Fiel Força Tricolor. Se eu já amava o futebol desde que me conheço por gente, o amor que tenho pelo clube e pela entidade me fez conhecer vários estados deste lindo país e viver o futebol em máxima intensidade. Viva o Botafogo, pantera da Mogiana!

Por fim, agradeço aos professores durante a graduação, em especial a Maria Andréa por ter aceitado orientar este projeto. Sou muito grato pelo tempo e pela enorme ajuda e orientação durante todo este tempo.

## **RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo compreender como as torcidas organizadas do Estado de São Paulo trouxeram uma voz ativa aos torcedores de futebol, um esporte historicamente elitista. Para tal, examino a trajetória do futebol em sua terra natal, a Inglaterra, e sua vinda para o Brasil, passando pelos primeiros anos do esporte até ele se tornar um esporte de massas, lotando os estádios. Nesse processo, analiso os primórdios da organização entre torcedores, as torcidas uniformizadas e os diferenciais do objeto central desta pesquisa, as torcidas organizadas, situando o contexto histórico de cada uma no momento de sua criação. Foram utilizados livros, artigos e dissertações acadêmicas para percorrer toda a trajetória do esporte e das organizações de torcedores.

**Palavras-chave:** Torcidas organizadas; futebol; torcedor; sociedade; clubes de futebol

## **ABSTRACT**

This work aims to understand how organized fan groups in the state of São Paulo have given an active voice to football fans, a historically elitist sport. To this end, I examine the trajectory of football in its homeland, England, and its arrival in Brazil, traversing the sport's early years until it became a mass sport, filling stadiums. In this process, I analyze the beginnings of fan organization, the uniformed fan groups, and differentiate them from the central object of this research, the organized fan groups, situating the historical context of each at the time of their creation. Books, articles, and academic dissertations were used to trace the entire trajectory of the sport and fan organizations.

**Keywords:** Organized fan groups; football; fan; Society; football club



## SUMÁRIO

|                                                                                         |           |
|-----------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>                                                                  | <b>9</b>  |
| <b>CAPÍTULO 1 – UMA BREVE HISTÓRIA DO FUTEBOL.....</b>                                  | <b>12</b> |
| 1.1 – O nascimento do futebol na Inglaterra.....                                        | 12        |
| 1.2 – A chegada do futebol no Brasil.....                                               | 14        |
| <b>CAPÍTULO 2 – AS TORCIDAS ORGANIZADAS: NOVOS ATORES POPULARES<br/>NO FUTEBOL.....</b> | <b>22</b> |
| 2.1 – A primeira forma de organização: as torcidas uniformizadas.....                   | 22        |
| 2.2 – O contexto da criação das torcidas organizadas em São Paulo.....                  | 25        |
| 2.3 – As torcidas organizadas enquanto órgão fiscalizador de seus clubes.....           | 28        |
| 2.4 – O entendimento coletivo das torcidas: o caso da ATOESP.....                       | 33        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                                        | <b>35</b> |
| <b>FONTES E REFERÊNCIAS.....</b>                                                        | <b>37</b> |

## INTRODUÇÃO

Na metade final da década de 1960, no futebol brasileiro, surgem novos grupos nas arquibancadas: as Torcidas Organizadas. O movimento chega em São Paulo em 1969, com a fundação das primeiras torcidas organizadas do Estado (Torcida Jovem da Ponte Preta, Gaviões da Fiel do Corinthians e Torcida Jovem do Santos). Nos anos seguintes, o fenômeno se solidifica na capital e no interior do Estado, transformando as formas de torcer, o papel do torcedor e trazendo uma característica mais politizada dentro das arquibancadas. Atualmente, a Associação Nacional das Torcidas Organizadas do Brasil (ANATORG) possui 123 torcidas filiadas, sendo 19 delas de São Paulo<sup>1</sup>. Segundo estimativas produzidas através de pesquisas coordenadas pelo sociólogo Maurício Murad, existem cerca de 700 torcidas organizadas no país, reunindo entre 2 e 2,5 milhões de integrantes (MURAD, 2017 apud ESTILLAC, BARBOSA, BAYMA, 2018, p. 50), o que nos permite tratar este movimento como um dos maiores movimentos sociais do Brasil, com enorme capacidade de mobilização e grande influência nas arquibancadas e na cultura do futebol brasileiro. A presente pesquisa tem como objetivo debater e evidenciar o que esses movimentos significaram, para a participação da classe trabalhadora na esfera política do futebol e de seus clubes de coração. No contexto do Estado de São Paulo, em contrapartida com o futebol enquanto um esporte que sempre foi controlado pelas elites econômicas e dominantes da sociedade. Para chegar a tal objetivo, uma análise histórica é feita a fim de entender como o futebol surge e se mantém como um esporte politicamente elitista, que exclui os torcedores das decisões e rumos a serem tomados, bem como compreender os motivos pelos quais defendo que as torcidas organizadas se tornam importantes atores políticos de um esporte das elites. Para isso, utilizei sobretudo a leitura de livros, artigos e dissertações acadêmicas como referenciais bibliográficos para a compreensão dos temas estudados. Para dar alguns exemplos, a tese de mestrado de Vitor Canale, intitulada “Um movimento em muitas cores”<sup>2</sup> foi muito utilizada para situar o contexto histórico da criação das torcidas organizadas do estado de São Paulo e compreender suas formas de se organizar para defender os seus interesses

---

<sup>1</sup> ASSOCIAÇÃO NACIONAL DAS TORCIDAS ORGANIZADAS DO BRASIL (ANATORG). **Torcidas afiliadas**. Disponível em: <<https://anatorg.com.br/torcidas-associadas-a-anatorg/>>. Acesso em: 07 mar. 2026.

<sup>2</sup> CANALE, Vitor dos Santos. **Um movimento em muitas cores**. 2020. 340 f. Tese (Doutorado em História) - Escola de Ciências Sociais, Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro, 2020.

dentro do seu clube e dentro do esporte, e como se dá a relação destas torcidas com as diretorias de seus times. Já o livro “O futebol no Brasil”, de Gilmar Mascarenhas<sup>3</sup>, auxiliará na compreensão da chegada e formação do futebol no Brasil, para entendermos que esse fenômeno se origina a partir das elites e posteriormente se populariza: isso enriquece o debate sobre o elitismo institucional de um time de futebol e sua base popular torcedora, assim como evidencia os conflitos sociais existentes nesse meio.

Desse modo, o primeiro capítulo da monografia busca sintetizar o surgimento do futebol na Inglaterra e, sobretudo sua vinda e consolidação para o Brasil, no sentido de entender como este esporte foi criado pela burguesia no século XIX e, portanto, como a maioria dos clubes sempre teve, em sua direção, pessoas das mais altas classes sociais e como se dava essa relação com a crescente popularização dos clubes. O segundo capítulo apresenta o surgimento, a consolidação e o contexto histórico das torcidas organizadas do Estado de São Paulo, com o intuito de analisar como essas torcidas agiam para defender seus interesses coletivos enquanto torcedores, como elas agiam perante as direções dos clubes. A partir destas análises, concluo buscando contribuir com uma outra perspectiva a respeito das torcidas organizadas, compreendendo-as, entre outros elementos, como um importante meio para a base torcedora do esporte mais popular do país ter voz e defender seus interesses.

---

<sup>3</sup> MASCARENHAS, G. O futebol no Brasil: reflexões sobre paisagem e identidade através dos estádios. In: BARTHE-DELOIZY, F.; SERPA, A. (org.). **Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia**. Salvador: EDUFBA; L'Harmattan, 2012. p. 67-85.

## CAPÍTULO 1 – Uma breve história do futebol:

### 1.1 - O nascimento do futebol na Inglaterra

“Criado pelos pobres, roubado pelos ricos”. Essa frase é bem famosa no mundo das torcidas de futebol. A Mancha Verde, torcida organizada do Palmeiras, a utilizou em uma faixa, em um protesto<sup>4</sup> contra a diretoria de seu clube (que tem à frente Leila Pereira, a quarta mulher mais rica do Brasil)<sup>5</sup>. Na Europa e na África, a frase também é usada, muitas vezes em protestos contra as federações de futebol. Contudo, ela contém um equívoco, pois foi justamente a burguesia, no século XIX, que “criou” o futebol na maneira como conhecemos hoje.

Para contextualizar, o século XIX foi marcado por transformações estruturais na Europa, pois vivia as consequências da Revolução Francesa, ocorrida no final do século XVIII, e a Revolução Industrial, que ocorre também na parte final deste século. Para SOUZA (2014, p.31), esse processo causa um acirramento entre a burguesia e o proletariado, gera uma maior distinção entre as classes sociais. O autor argumenta que “a burguesia almejava se aproximar dos hábitos da alta aristocracia, enquanto aburguesava os costumes aristocráticos” (SOUZA, 2014, P.31). Portanto, foi um período que formou algumas identidades restritas a determinadas classes sociais. Dentre elas, o autor cita a educação e o esporte como importantes: a educação principalmente pelo fator de distinção social, de ter “condições de adiar a tarefa de ganhar a vida” (SOUZA, 2014, P.31), e também de ter contato com outras pessoas desse seleto círculo social. Quanto ao esporte, ele foi apropriado pela burguesia. Se antes era uma prática da nobreza, da aristocracia, nesse período se constitui o “esporte moderno”, com tais características de distinção social e interação desses grupos. Em seguida, ainda segundo este autor, ocorre a institucionalização deste esporte moderno, além de cada vez mais os trabalhadores

---

<sup>4</sup> ESPORTE NEWS MUNDO. **Torcida do Palmeiras protesta contra a diretoria em frente ao Allianz Parque.** Terra, 22 jul. 2023. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/esportes/palmeiras/torcida-do-palmeiras-protesta-contr-a-diretoria-em-frente-ao-allianz-parque.8acd0effb90a627df36b2f5b7f1ca409j fz5xhgv.html>>. Acesso em: 10 fev. 2025.

<sup>5</sup> CNN BRASIL. **Leila Pereira sobe no ranking de mulheres mais ricas do Brasil; veja patrimônio.** 6 set. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/leila-pereira-sobe-no-ranking-de-mulheres-mais-ricas-do-brasil-veja-patrimonio/>. Acesso em: 10 fev. 2025

realizarem tais práticas, ocorrendo um novo fenômeno, o esporte de massa (SOUZA, 2014, P.32).

O futebol estava incluído nesses acontecimentos e encontrou nas sociedades burguesas um bom lugar para se propagar. Os jogos de bola com os pés já se faziam presentes em diversas sociedades, há muito tempo, mas segundo Heloisa Helena Baldy dos Reis, “a transformação de um jogo de bola com os pés em um esporte deu-se a partir de 1863, quando foi criada a Football Association, na Inglaterra, instituição que codificou o futebol, criando suas regras universais” (REIS, 2006, P.6). Portanto, voltando à frase que inaugura este capítulo, é possível afirmar que o futebol (e o esporte em geral) como conhecemos hoje não foi algo criado pelos trabalhadores do século XIX, mas sim “que o futebol é um produto burguês, utilizado inicialmente como recreação pelos dominantes, objetivando prazer e a diferenciação das classes” (SOUZA, 2010, P.3). Em contrapartida, ainda segundo esta autora, Elyandra Caroline Alves de Souza, o futebol é apropriado pelas massas trabalhadoras.

Adentrando agora no âmbito de sua grande popularização, Heloisa Helena Baldy dos Reis traz um importante fator, que foi a esportivização dos jogos, junto com um grande cativo do público pelo futebol, gerando o que ela chama de espetáculo (REIS, 2006, P.9). Nas décadas finais do século XIX surgem as competições formais inglesas. Em 1871-1872 é realizada a primeira edição da FA Cup, o campeonato mais antigo em atividade até hoje, competição tradicionalíssima do futebol inglês. Anos depois, em 1888-1889 é realizada a Football League, equivalente ao que seria a Premier League hoje. É nesse período final do século que começam a se comercializar ingressos para as partidas. Nesse sentido, para SOUZA, quando o futebol é apropriado pelas massas, isso desperta o interesse de governos, que o utilizam como “eixo de manobras”, “adquirindo características do mundo do trabalho, como se percebe na constante obstinação em quebrar recordes, quando o atleta é limitado por um plano traçado pelos dirigentes das equipes” (SOUZA, 2010, P.3). Creio fazer muito sentido essa afirmação da autora, sobretudo se pensarmos no caso do futebol no Brasil com Getúlio Vargas, ou a relação do título da copa do mundo em 1970 e como a ditadura militar utilizou-se disso (temas que serão discutidos em breve); também, na mesma situação, a ditadura argentina em 1978, e mais recente, na Arabia Saudita, o fenômeno de “sportwashing”, em que o governo usa o futebol para melhorar sua imagem perante o resto do mundo.

## 1.2 - A chegada do futebol no Brasil

É também nas décadas finais do século XIX que o futebol começa a ser introduzido pelo resto do mundo. Segundo Gilmar Mascarenhas (utilizando argumento de BIRLEY, 1995, P. 153), “aproximadamente cinco milhões de pessoas deixaram o Reino Unido para iniciar nova vida no exterior...” (MASCARENHAS, 2012, P. 72) nas duas décadas finais do século XIX. Uma vez que, como já dito acima, é exatamente nesse período em que surgem as competições formais (FA Cup, Football League) e a venda de ingressos, Heloisa Helena Baldy dos Reis afirma que o futebol já chega no Brasil em sua forma espetacularizada (REIS, 2006, P.9). Além dos ingleses que saíram de seu país natal, houve também estudantes secundaristas nascidos no Brasil que vão para a Inglaterra estudar e, voltando, introduzem o futebol em seu país natal, como bem elenca Elyandra Caroline Alves de Souza. É o caso de Charles Miller, conhecido como o pai do futebol no Brasil, ao voltar para o Brasil em 1894. Contudo, apesar desse reconhecimento, Luís César de Souza afirma que há registros que a prática desse esporte é anterior a isso. Com marinheiros nos portos brasileiros e com fábricas britânicas em nossos territórios, seria difícil imaginar que o futebol chega no Brasil apenas em 1894. Além disso, argumenta, usando o autor Melo (2000, p.18), que

desde o início de 1880, os colégios de Jesuítas da Itália ofereciam, sob certo controle, o futebol a seus alunos, esporte já bastante desenvolvido naquele País. Como no Brasil os Jesuítas foram influentes desde os tempos de colônia, o autor considera provável que tenha sido por meio deles que as primeiras bolas de futebol tenham chegado por aqui para realização dos primeiros jogos. (SOUZA, 2014, p.36)

Independentemente de quem foi, de fato, o primeiro responsável por trazer uma bola e realizar a prática do futebol aqui no Brasil, fato é que, nesse primeiro momento, o futebol brasileiro também era uma prática das elites. Para Gilmar Mascarenhas, esta era a identidade social do futebol em seus primeiros momentos: símbolo de modernidade para as elites, que se consideravam capazes de adotar plenamente novos hábitos europeus (MASCARENHAS, 2012, P. 8)

Esse primeiro período do futebol em solo nacional também é caracterizado pelo amadorismo, praticamente pelos mesmos motivos elitistas da Inglaterra. Contudo, SOUZA (2010) nos aponta um processo que contribuiu para uma popularização do

esporte, pois já na década de 1910 se começa a comercializar ingressos para as partidas, tomadas por um público integrado pelas altas classes. Os campeonatos, organizados no Estado de São Paulo desde 1902 pela Liga Paulista de Futebol, ganham cada vez mais importância e, para sair vitorioso, “se vale até da inserção de membros das comunidades pobres nos times de elite, para potencializar a eficácia do time. Tudo, claro, mantido as escuras...” (SOUZA, 2010, P. 4). Paralelamente a esse processo, o futebol ganha cada vez mais adeptos brasileiros, sendo progressivamente praticado nas praias, nos campos de comunidades, etc., e times de várzea começam a serem criados. Além disso, Marcio Silva Rodrigues aponta que o surgimento de fábricas também contribui para a popularização do esporte, e destaca o papel do “The Bangu Athletic Club, em 1904. Esse clube, o mais famoso clube de fábrica, logo teve que aceitar jogadores-operários para completar o número de jogadores...” (RODRIGUES, 2006, p. 23). Com o surgimento das fábricas, surgiram também campos de futebol em seus arredores.

Essas contradições se expressam em conflitos sociais de raça e de classe dentro do futebol. Tarcyanie Cajueiro Santos (1999) elucida que em 1913 ocorreu uma ruptura na LPF pois ela havia admitido a “introdução de negros, operários, e mestiços no circuito oficial de futebol, através de clubes “populares” como o Sport Club Corinthians Paulista e o Ypiranga” (SANTOS, 1999, P.3). Clubes muito influentes como a A. A. A Palmeiras (na época detentor de 2 títulos da LPL. Vale lembrar que não é o atual Sociedade Esportiva Palmeiras), o Paulistano (também com duas taças) e o Mackenzie (com apenas 1 vice-campeonato) abandonaram a liga para fundar a Associação Paulista de Esportes Atlético (APEA). Em 1917 a LPF acaba e os clubes dela, incluindo o Corinthians (que desde que entrou na LPF faturou 2 campeonatos), são admitidos na APEA.

Portanto o futebol vira a década para 1920 já bem popularizado, principalmente se comparado ao seu início no país. Mostra disso é ter sido criado, em 1917, a Associação dos Cronistas Esportivos de São Paulo; o Botafogo de Ribeirão Preto foi criado em 1918, e outras cidades do interior já possuíam seus clubes, como o Noroeste de Bauru, fundado em 1910 e o XV de Piracicaba, de 1913 mostram que o futebol já havia se difundido por diferentes lugares do Estado de São Paulo.

Apesar do amadorismo, na prática alguns clubes optam por jogadores pobres e/ou pretos, uma vez que precisavam melhorar suas equipes para vencer o campeonato e agradar o público, que agora comprava seus ingressos para as partidas. Um marco importante é a conquista do Sul-Americano de 1919 pela seleção brasileira, com um

grande público para a época de 27.500 pessoas no estádio das laranjeiras, no Rio de Janeiro, construído especialmente para este torneio<sup>6</sup>. Nesse torneio também se constrói o primeiro ídolo da seleção: “El Tigre” Friedenreich, artilheiro do torneio e fez o gol do título, foi talvez a principal estrela do período amador. Tal era a exigência por bons times que, ainda que o profissionalismo não tenha sido colocado em prática oficialmente, alguns jogadores recebiam salários, ou o “bicho”. Rodrigues denomina isso de “falso amadorismo”.

Vale ressaltar que, mesmo com as exceções, o caráter do futebol nessa época era extremamente elitista e racista, e o próprio Friedenreich é um exemplo disso. Filho de um imigrante alemão e uma empregada doméstica negra, a grande estrela do Brasil, herói do Sul-Americano de 1919, ficou de fora da mesma competição em 1921 após Eptácio Pessoa, presidente do Brasil, recomendar que apenas jogadores brancos deveriam representar a seleção no exterior.<sup>7</sup> A competição seria na Argentina e cabe lembrar que em 1916 o mesmo torneio aconteceu nesse mesmo país e a imprensa local tratou os brasileiros como macacos, popularizando essa imagem<sup>8</sup>, e a decisão de apenas jogadores brancos jogarem o campeonato em 1921 tem tudo a ver com esse contexto. Friedenreich, que chegou a passar pó em sua pele e alisar o cabelo<sup>9</sup> para tentar “driblar” o racismo, ainda deixou o futebol para lutar pelos paulistas em 1932. De acordo com matéria da Folha de São Paulo<sup>10</sup> ele “liderou um batalhão com quase 3.000 outros atletas e foi promovido a segundo tenente”.

Santos (1999) também destaca um importante ponto, de que nesse período os estados de São Paulo e Rio de Janeiro possuíam grande competitividade técnica e certa

---

<sup>6</sup> CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Sul-Americano 1919: primeiro título da Seleção completa 100 anos.** Disponível em: <https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/noticias/selecao-masculina/sul-americano-1919-primeiro-titulo-da-selecao-completa-100-anos>. Acesso em: 14 abr. 2025.

<sup>7</sup> OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. **Arthur Friedenreich: conheça o atleta negro que foi o 1º craque brasileiro.** 18 jul. 2023. Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/arthur-friedenreich-conheca-o-atleta-negro-que-foi-o-1o-craque-brasileiro/>. Acesso em: 14 abr. 2025.

<sup>8</sup> GAZETA ESPORTIVA. **Copa América de 1921: a mancha do racismo.** 22 maio 2019. Disponível em: <https://www.gazetaesportiva.com/campeonatos/copa-america/copa-america-de-1921-a-mancha-do-racismo/>. Acesso em: 14 abr. 2025.

<sup>9</sup> OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. **Arthur Friedenreich: conheça o atleta negro que foi o 1º craque brasileiro.** 18 jul. 2023. Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/arthur-friedenreich-conheca-o-atleta-negro-que-foi-o-1o-craque-brasileiro/>. Acesso em: 14 abr. 2025.

<sup>10</sup> FOLHA DE S.PAULO. **Friedenreich deixou a bola e liderou batalhão na Revolução de 1932.** 7 jul. 2012. Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/esporte/2012/07/1116934-friedenreich-deixou-a-bola-e-liderou-batalhao-na-revolucao-de-1932.shtml>. Acesso em: 14 abr. 2025



rivalidade. Na necessidade de uma entidade nacional para representar o país oficialmente, ambos os estados criam, em 1915, suas próprias federações para tal. Contudo, a FIFA exigia uma entidade que representasse um futebol unificado. É nesse contexto que surge, em 1916, a Confederação Brasileira de Desportos, órgão que iria atuar até 1979. Para essa autora,

No início da década de 20, o futebol se consolidara como o esporte mais popular do Brasil e nos anos 30, ele já lotava estádios, estimulava a rivalidade entre torcedores e produzia seus grandes ídolos, tornando-se um fenômeno de massa, auxiliado pelo jornal, anunciando e escrevendo sobre as competições, e pelo rádio que transmitia as partidas (SANTOS, 1999, p. 3-4)

Percebe-se certa semelhança entre o começo do futebol em seu país natal e no Brasil, pois ambos se originam como uma prática das elites, que representava um status social superior, mas que em pouco tempo se populariza, com cada vez mais os trabalhadores se inserindo nesse meio e, consequentemente, causando tensões sociais, marcadas sobretudo por um caráter de raça e de classe.

A primeira fase do futebol no Brasil se caracteriza pelo amadorismo (ainda que coexistisse também o pagamento de salários), porém, para Rodrigues (2006), esse modelo entra em crise sobretudo com o Vasco da Gama, que faz excelente campanha no carioca de 1926, “com uma equipe formada basicamente por jogadores negros, mulatos ou brancos pobres. Nesse momento, tornou-se evidente que a elite tinha perdido sua dominância absoluta sobre o esporte.” (RODRIGUES, 2006, p. 24). Também aponta que em diversos lugares no mundo a profissionalização avança, o que seduz jogadores brasileiros, sobretudo após a Copa do Mundo de 1930. Leônidas da Silva (o Diamante Negro) e Domingos da Guia, dois dos principais jogadores do país, vão jogar no Peñarol e Nacional respectivamente, clubes do Uruguai, país expoente do futebol na época, vindo de dois títulos olímpicos e a Copa do Mundo de 1930. Cada vez mais clubes europeus buscam jogadores na América do Sul e grandes nomes do futebol brasileiro vão encantar os clubes da Europa.

Antes de entrar na década de 1930 e sua grande transformação, a profissionalização em 1933, tenho que contextualizar o que estava ocorrendo na vida política do Brasil, afinal, entendo não ser possível compreender o futebol como um fenômeno isolado da sociedade, mas sim que ele sofre as consequências (e, como veremos, também influencia em sua transformação) dos processos políticos: não é possível entender a profissionalização sem entender o contexto trabalhista de Getúlio

Vargas, por exemplo.

A década de 1920 é marcada por uma instabilidade no sistema político vigente, que por sua vez era marcado pelo federalismo, uma espécie de política baseada em uma troca de favores: o governo federal apoiava oligarquias locais para o comando dos estados, e em troca essas elites apoiavam as iniciativas do governo, além de, nas eleições, colocarem nomes que defenderiam tais iniciativas institucionalmente. Assim, as eleições eram carentes de credibilidade, sendo marcadas pelo voto de cabresto. Um bom exemplo dessa instabilidade foi o movimento tenentista. De acordo com o historiador Ricardo Duwe, no podcast Estação Brasil<sup>11</sup>, o movimento tenentista se caracteriza como um movimento político-militar, sendo composto, via de regra, por militares de baixa patente, que não concordavam com o sistema vigente e apontavam diversos problemas na República, como as fraudes eleitorais, a corrupção generalizada, o analfabetismo, a forte concentração de poder político, e vale dizer, uma concentração desigual entre os estados. São Paulo, por exemplo, era bem mais beneficiado do que os outros estados. Duwe também aponta que os tenentistas tinham uma visão moralizante da vida política e da vida pública. Houve também a Reação Republicana, chapa de oposição composta por alguns estados, como Pernambuco, Rio de Janeiro e Bahia, contra o candidato Arthur Bernardes, apoiado por São Paulo e Minas Gerais, nas eleições de 1922. Os militares apoiaram Nilo Peçanha, escolhido para representar a Reação Republicana. Após a vitória de Arthur Bernardes houve a Revolta dos 18 do Forte de Copacabana, ponto crucial para o movimento tenentista.

Ricardo Duwe também coloca uma outra questão chave naquele período, que era em relação ao país, afinal, existe uma cultura genuinamente brasileira, uma verdadeira cultura brasileira? É nesse sentido que em fevereiro de 1922 foi organizada a Semana de Arte Moderna de 1922, evento que marcou muito a história brasileira e onde diversos artistas brasileiros experimentam novas estéticas, de vanguarda, etc.

Podemos citar dois eventos que foram importantes para o fim da chamada Primeira República, sendo um deles a crise de 1929 nos Estados Unidos, que afetou a economia brasileira, baseada majoritariamente na exportação do café: com a crise que se espalha no mundo, os países diminuem drasticamente a compra do café brasileiro. Essa

---

<sup>11</sup> DUWE, Ricardo. **A Coluna Prestes**. In: Estação Brasil. *Podcast*. Spotify. 17 de jul. 2025. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/3RFVgdehrVcRHPW4qE2bGu?si=rYvg2085RIWhzVlOhEjAqg>> Acesso em: 01 set. 2025

crise inclusive afeta alguns clubes de futebol, como o Comercial de Ribeirão Preto. De acordo com uma breve biografia do clube, de Paulo Nascimento, disponível no site do Museu do Futebol<sup>12</sup> a crise afeta Ribeirão Preto, forte na plantação de café, e consequentemente isso afeta as elites locais que financiavam o clube, que encerra suas atividades de futebol e se funde, em 1937, com a Sociedade Recreativa, clube social que existe até hoje na cidade. O Comercial retornaria com o futebol apenas em 1954. Portanto, com o sistema econômico em crise e o sistema político instável, surge o outro evento determinante para o fim da Primeira República, as eleições de 1930.

Ainda de acordo com Ricardo Duwe, surge uma espécie de “elite dissidente”, em que um dos principais nomes era Getúlio Vargas (que saiu como candidato dessa oposição) e que contava com Minas Gerais, pois São Paulo havia rompido com a alternância de poderes entre esses Estados indicando Júlio Prestes como candidato para as eleições. Essa aliança defendia reformas no campo político e eram nacionalistas no campo econômico. Com a vitória de Júlio Prestes, a Aliança Liberal não aceita o resultado das eleições, acusam os paulistas de fraude, e pegam em armas e vão conquistando o poder em alguns estados até conseguirem dar um golpe em Washington Luiz (Prestes ainda não havia assumido). Sua deposição demarca o fim da primeira república e, após um breve período de comando de uma junta militar, o governo passaria para as mãos de Getúlio Vargas, que governaria provisoriamente. Uma Assembleia Nacional Constituinte foi criada, e dela saiu uma nova Constituição. Os próprios deputados elegeram Getúlio Vargas como presidente do Brasil, de maneira indireta.

Essa contextualização nos ajuda a compreender a trajetória histórica do futebol, e um dos pontos que mais interessa neste momento é o fato de que logo no governo provisório foi criado o Ministério da Educação e Saúde Pública, que em suas tarefas “desenvolvia atividades pertinentes a vários ministérios, como saúde, esporte, educação e meio ambiente”<sup>13</sup> e o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, criado apenas 23 dias depois que Getúlio Vargas assume o poder, e central para seu governo. Para Deivison Amaral, em artigo disponível<sup>14</sup> no site Café História, intitulado “Por que o Ministério do

---

<sup>12</sup> MUSEU DO FUTEBOL. **Centro de Referência do Futebol Brasileiro – Instituições**. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/instituicoes/474803/>. Acesso em: 01 set. 2025.

<sup>13</sup> MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **História**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conaes-comissao-nacional-de-avaliacao-da-educacao-superior/97-conhecaomec-1447013193/omec-1749236901/2-historia>. Acesso em: 03 set. 2025.

<sup>14</sup> AMARAL, Deivison. **Por que o Ministério do Trabalho foi criado?** *Café História*, 13 maio 2019. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/por-que-ministerio-do-trabalho-foi-criado/>. Acesso em: 03

Trabalho foi criado?”, afirma que para Vargas a dita questão social - “a mediação das relações entre capital e trabalho, bem como a solução para a pobreza crescente devido à exploração predatória de trabalhadores e trabalhadoras. era prioridade” (AMARAL, 2019). Ao criar tal ministério, Vargas atribui essas questões aos “braços do Estado” (AMARAL, 2019). São criadas leis de proteção ao trabalhador, lei de férias, a instituição da carteira de trabalho, etc.

Todo esse contexto nacional certamente reflete no futebol e em 1933 ocorre a primeira partida profissional do país entre Santos e São Paulo da Floresta e, portanto, a fase amadora do futebol brasileiro se encerra. A crescente popularização do futebol, com importante papel dos rádios e jornais, faz com que o governo de Vargas enxergue o futebol como muito importante e faz com que ele se torne um elemento de unificação e identidade nacional. O trabalhismo getulista também é implementado no futebol, sobretudo após a sua profissionalização.

De acordo com Carvalho *et al.* (2003a), o futebol, a partir do profissionalismo, começa a determinar a relação dos jogadores com seus empregadores e introduz elementos antes de domínio exclusivo do âmbito do trabalho, como horários, contratos, sanções e punições inscritas e legitimadas pelas normas escritas. (RODRIGUES, 2006, P. 26).

Ainda para este autor, o profissionalismo caminha junto com a democratização desse esporte, abrindo maiores possibilidades de jogadores negros e brancos pobres se inserirem em tal meio.

Seguindo com o autor, é possível perceber a industrialização, forte característica do primeiro governo de Getúlio Vargas, se refletindo na construção de grandes estádios. Comícios políticos começam a ser realizados após as partidas, nos revelando tamanha importância que os políticos atribuíram ao futebol nesse período. Porém, convém dizer que esse processo não deixou de ser conflituoso. Para dar um exemplo, Melina Nóbrega Miranda analisa o futebol enquanto projeto de unidade nacional no Estado Novo e a grande rivalidade entre os estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Através de jornais da época, a autora evidencia que os dirigentes dos principais clubes desses estados (e também os redatores dos jornais) trocavam acusações, pediam sanções aos rivais, etc.

Na Copa Roca de 1940 (competição entre as Seleções do Brasil e da Argentina), disputada em São Paulo, os desentendimentos provocados pelos conflitos regionais de São Paulo e Rio de Janeiro não foram poucos. O técnico paulista Sylvio Lagreca sofreu uma enorme pressão dos dirigentes e da imprensa carioca e renunciou ao cargo antes do jogo final. Em contraposição, a imprensa paulista não aceitou essa “injustiça” e fez duras críticas à imprensa e dirigentes cariocas. (MIRANDA, 2007, p. 6)

Em contrapartida, Miranda evidencia a atuação do governo para defender seus interesses dentro de esporte:

alguns fatos integrantes de uma partida de futebol sofreram intervenção do governo, via formulações de leis ou decretos, ação policial ou censura com o DIP. Mesmo o sindicato dos jogadores profissionais de futebol, criado em reuniões organizadas entre os próprios jogadores de futebol, passou a ser controlado pelo Ministério do Trabalho.

Vale ressaltar também que Miranda enxerga nesse processo o que Norbert Elias entende como “processo civilizador”, uma vez que durante esse processo no Brasil, que transformou estruturalmente o país, o esporte (aqui especificamente o futebol) foi um elemento muito importante que constituiu em tal período, estando ele ligado aos processos de urbanização e industrialização.

Tal contextualização do período inicial do futebol, sobretudo no Brasil, se faz necessária nesta pesquisa para compreendermos algumas coisas que servirão de base para o entendimento de algumas questões do futebol brasileiro. Em primeiro lugar percebe-se que o futebol surge a partir da elite econômica social e, portanto, se estrutura a partir dela. Portanto, quando ocorre a popularização do esporte, o modo como os clubes e as federações de futebol se portam e a partir disso são decididos por essa classe econômica social e não por esse novo ator proletário no futebol, o que ocorre ainda hoje. Torcedores que vão a todos os jogos, viajam para ver o time, não são consultados e não tem poder de decisão sobre contratação dos jogadores, preço dos ingressos, policiamento no estádio, etc. Como veremos no próximo capítulo, o principal meio que os torcedores conseguiram ter uma voz ativa dentro do futebol e dentro do seu clube é com a organização entre eles, reivindicações nas arquibancadas e até em outros locais da cidade. Também veremos os modos de agir em defesa de seus interesses em meio ao futebol excludente e que marginaliza estes movimentos.

Outro ponto que este capítulo nos ajuda a compreender é a importância que os

políticos enxergam no futebol. Com a grande popularização e proletarização do esporte os governos veem novos meios para defender seus interesses e legitimarem suas práticas. Se no governo de Getúlio Vargas os políticos faziam comícios em estádios após as partidas, em 2018 Jair Bolsonaro (que durante seu governo vestiu a camisa de vários clubes) foi ao gramado do Allianz Parque para levantar a taça de campeão brasileiro com o Palmeiras<sup>15</sup>. Portanto, essa relação entre os políticos e o futebol é muito presente ainda hoje, não sendo possível analisar as transformações do futebol atual sem levar isso em conta.

---

<sup>15</sup> GLOBOESPORTE.COM. **Bolsonaro chega à arena do Palmeiras para ver jogo do título; opositores protestam com cartazes.** São Paulo, 2 dez. 2018. Disponível em: <<https://ge.globo.com/futebol/times/palmeiras/noticia/bolsonaro-chega-a-arena-do-palmeiras-para-ver-jogo-do-titulo-opositores-protestam-com-cartazes.ghtml>> Acesso em 05 set. 2025

## CAPÍTULO 2 – As torcidas organizadas: novos atores políticos populares no futebol

### 2.1 – A primeira forma de organização: as torcidas uniformizadas

Os primeiros movimentos de torcedores no Brasil aparecem na década de 1940, com as Torcidas Uniformizadas. Um marco do início dessa década para o futebol, para além do futebol já ter se profissionalizado e se transformado em um esporte de massas (e também um reflexo desse contexto) foi a construção do Pacaembu, em 1940<sup>16</sup>. Tido como o maior e mais moderno estádio da América Latina, o estádio construído na cidade de São Paulo tinha capacidade para mais de 70.000 pessoas. Vale dizer que sua inauguração contou com várias figuras políticas relevantes, incluindo Getúlio Vargas. Isso reforça o entendimento tido a partir do primeiro capítulo de que há uma relação intrínseca entre o governo e as elites com o futebol. De acordo com o site do Museu do Futebol<sup>17</sup> (esse museu é localizado no estádio Pacaembu), em uma biografia resumida baseada no livro “A Construção do Pacaembu” de João Fernando Ferreira, além de a inauguração do estádio paulista contar com Getúlio Vargas, numa tentativa de se aproximar com os paulistas,

Segundo João Fernando Ferreira, a festa formava uma imagem bastante significativa dos rumos que a elite política buscava dar ao Brasil: o da massa unida e disciplinada em prol da construção de um Brasil grandioso. As ‘Instruções da Diretoria de Esporte’, publicadas no *Estado de São Paulo* em 9 de abril de 1940, reforçavam esse sentido: “um grande desfile, como abertura da temporada esportiva a ser realizada no mesmo, fazendo todos os esforços para que seja imponente e que cale profundamente no espírito brasileiro e das Américas, tornando-se digno da opulência do estádio, da operosidade de São Paulo e da glória do Brasil. É o início de uma nova era esportiva”. (MUSEU DO FUTEBOL, s.d.)

É nesse período e contexto histórico que são criadas as torcidas uniformizadas. Luís César de Souza, em sua tese de doutorado intitulada: “Sociedade, futebol, torcidas organizadas e educação: da violência explícita às contradições não evidentes”<sup>18</sup>,

---

<sup>16</sup> PREFEITURA DE SÃO PAULO. PIU Pacaembu: saiba mais. Disponível em: <<https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/piu-pacaembu-saiba-mais/>>. Acesso em: 17 mar. 2026

<sup>17</sup> MUSEU DO FUTEBOL. Centro de Referência do Futebol Brasileiro: instituições. Disponível em: <<https://museudofutebol.org.br/crfb/instituicoes/473697/>> Acesso em 04 jun. 2024

<sup>18</sup> SOUZA, Luís César de. **Sociedade, futebol, torcidas organizadas e educação: da violência explícita às contradições não evidentes**. 2014. 192 f. 2014. Tese de Doutorado.

argumenta que os acontecimentos da década de 1930 “propiciaram a reunião de pessoas de diferentes classes sociais, levando para os estádios um número de espectadores que ultrapassava os setenta mil em algumas partidas (SANTOS, 1981).” (SOUZA, 2014, p. 63), solo fértil para o surgimento das torcidas uniformizadas. O autor evidencia como algumas características destas torcidas a presença de um torcedor símbolo do clube a partir da “manifestação espontânea de sua paixão, num contexto em que no futebol se encontrava mais espaço para a criação artística” (SOUZA, 2014, p. 64). Além disso, as torcidas uniformizadas levavam bandas e instrumentos musicais aos jogos do seu time, tendo como outra característica do movimento as festas no estádio em prol do clube.

Ainda que o futebol tenha se popularizado muito, é possível perceber que as torcidas uniformizadas possuíam ligação institucional com seus times e dirigentes. Como nos mostra Luís César de Souza, “Pelo relato de uma torcedora, Toledo (1996, p. 22) assinala que

naquela época os agrupamentos torcedores eram vinculados aos times, geralmente a alguém envolvido com a organização institucional do futebol (político, dirigente, funcionário de ligas ou federações de futebol) ou ainda oriundos da atividade e do empenho pessoal de alguns indivíduos. O único objetivo de cada um era torcer pelo time, não importando mais nada. (SOUZA, 2014, p. 64).

Vitor Canale, em sua tese de doutorado nomeada “Um movimento em muitas cores: O circuito de relações das torcidas organizadas paulistas entre 1968 e 1988. Uma história da ATOESP (Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo)”<sup>19</sup>, corrobora com essa visão e afirma que

O novo estádio forjou novas e variadas sociabilidades, dentre elas as torcidas uniformizadas. Essas entidades, abertas aos sócios e torcedores dos clubes, tinham nas roupas padronizadas e na animação das arquibancadas os seus traços mais flagrantes. As novas torcidas eram majoritariamente compostas por integrantes das classes médias e altas e tinham como mote a defesa dos valores esportivos. Os jornais caracterizavam os torcedores uniformizados como os cidadãos de melhor comportamento dentro dos estádios e cordiais fora dele. Argumentavam que essa harmonia ocorria porque os membros da torcida compartilhavam os mesmos espaços na cidade de São Paulo, por pertencerem a classes próximas. Segundo a crítica da época, esses grêmios possuíam um caráter dirigente capaz até mesmo de estimular e manter a ordem da assistência

---

<sup>19</sup> CANALE, Vitor dos Santos. **Um movimento em muitas cores: o circuito de relações das torcidas organizadas paulistas entre 1968 e 1988-Uma história da ATOESP (Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo)**. 2020. Tese de Doutorado.



Vale destacar que nesse momento se cria uma visão, sobretudo pela mídia e dirigentes de clubes e federações, de um torcedor ideal, que deve apoiar o time a todo momento independente da situação: vaia e protestos não eram bem vistos e quem os praticavam não eram vistos como verdadeiros torcedores. Esse torcedor ideal é muitas vezes defendido até hoje pelos comentaristas e jornalistas esportivos e foi um argumento muito utilizado quando, após a criação e consolidação das torcidas organizadas, estas começaram a criar certa independência de seus clubes e protestar quando julgavam necessário. Apesar desta visão tentar ser imposta pela mídia e pelos dirigentes, isso não refletia na realidade dos estádios. É possível ver desentendimentos e hostilidades entre torcedores já na década de 1920 e pedidos de separação das diferentes torcidas. Em 1933, após um estrondoso 8 x 0 para o rival Palestra Itália (a atual Sociedade Esportiva Palmeiras), torcedores do Corinthians tentaram invadir o prédio da sede social do clube e pediam a demissão da diretoria (CANALE, 2020)

O aumento dos embates e das hostilidades no futebol começa a ser noticiados nos jornais e aqui é muito importante para a presente pesquisa destacar que

Para o antropólogo Luiz Henrique de Toledo (2002), o aumento das denúncias de violência ou transgressão no meio do futebol tinha uma clara correlação com a maior participação de populares no jogo, vistos como indivíduos desprovidos de educação esportiva pela crônica da época. Contudo, esses mesmos cronistas se negavam a noticiar os corriqueiros embates entre sócios, jogadores e árbitros no período amadorístico. (CANALE, 2020. p. 19)

Percebe-se, portanto, que os jornais da época, dirigidos e comandados pela elite econômica dominante (jornais como A Gazeta Esportiva e O Globo Sportivo tinham como principais nomes Cásper Líbero e Roberto Marinho, respectivamente), acompanhavam as visões que os dirigentes dos clubes e das federações tinham sobre o fenômeno da popularização, uma vez que fazem parte da mesma classe social. Os “populares” eram vistos como intrusos no esporte e geralmente só eram aceitos enquanto apoiarem acriticamente ao seu clube.

As torcidas uniformizadas não duraram por tanto tempo, chegando ao fim do movimento no final da década de 1940 e durante a década de 1950, devido a uma série de fatores. Podemos citar a chegada da televisão ao Brasil, em 1950 (ainda que ela só se

populariza, de fato, durante a década seguinte), a falta de segurança nos estádios, a venda de jogadores para fora do país, aumento no preço dos ingressos, além de que os membros que fundaram as torcidas envelheceram e criaram outras responsabilidades, como casamento e filhos<sup>20</sup>. E é durante todo esse contexto em que, no final da década de 1960, surgem as torcidas organizadas, movimentos criados por torcedores, mas que tem um sentido bem diferente das torcidas uniformizadas das décadas passadas.

Sendo assim é muito importante, para além de situar o contexto da criação das torcidas organizadas, aprofundar em alguns pontos que serão úteis para entender o porquê as torcidas organizadas significaram, em sua criação e os anos seguintes, uma voz popular no futebol brasileiro. Portanto cabe analisar o sentido de fiscalização e oposição às diretorias dos clubes, as associações entre torcidas organizadas (tanto do mesmo clube, quanto de clubes diferentes, inclusive rivais) para a defesa de pautas em comum, bem como a relação que as torcidas organizadas mantinham de modo geral com a diretoria do clube a qual apoiam.

## **2.2 - O contexto da criação das torcidas organizadas em São Paulo**

As primeiras torcidas organizadas paulistas surgem no final da década de 1960, tendo como alguns dos principais exemplos a Torcida Jovem do Santos, a Gaviões da Fiel e a Torcida Jovem Ponte (torcidas de Santos, Corinthians e Ponte Preta, respectivamente), todas fundadas em 1969. No decorrer das décadas seguintes outras torcidas foram criadas e o movimento foi crescendo e ganhando muita força nas arquibancadas. Vitor Canale, em artigo<sup>21</sup> apresentado ao 3º Simpósio Internacional de Estudos sobre Futebol, descreve que

as duas décadas posteriores à criação das primeiras torcidas organizadas foram um período de efervescência das associações de torcedores. Os casos de existência efêmera, as fusões entre torcidas e as cisões internas que levaram à criação de novos coletivos de torcedores eram acontecimentos recorrentes do universo torcedor (CANALE, 2018, p. 2)

Dentro deste contexto é interessante perceber alguns reflexos, algumas

---

<sup>20</sup> Informações tiradas de CANALE, 2020, páginas 23 e 25

<sup>21</sup> CANALE, Vitor. **A sociogênese do associativismo entre as torcidas organizadas** – uma história da ATOESP (Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo). São Paulo. P 1-15. 2018. Disponível em: <<https://museudofutebol.org.br/crfb/acervo/693805/>>. Acesso em: 08 out. 2025

expressões de fenômenos políticos do Brasil e do mundo nas torcidas organizadas, assim como podemos ver este mesmo tipo de relação com o período getulista e as torcidas uniformizadas. O Brasil estava sob a ditadura empresarial-militar desde 1964 e, com a crescente oposição que se formava, no final de 1968 é instituído o Ato Institucional nº 5 (AI-5) durante o governo do general Arthur da Costa e Silva, marcando um período de ainda mais repressão e violência por parte da ditadura, em um momento em que militantes haviam se organizado nas guerrilhas urbanas armadas para combater os militares. No dia 4 de Novembro de 1968, dia de Santos x Corinthians no Pacaembu, com as principais torcidas organizadas dos rivais recém-criadas, Carlos Marighella foi assassinado por agentes do DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) em uma emboscada<sup>22</sup>.

A ligação da ditadura com o futebol brasileiro se deu de várias maneiras e serviu tanto como uma das bases do governo, como meio de resistência. De acordo com Victor de Leonardo Figols<sup>23</sup>, após a consolidação do golpe, “tanto os militares quanto os membros da CBD buscaram uma aproximação” (FIGOLS, 2025). O autor afirma que João Havelange, presidente da Confederação Brasileira de Desportos (a CBD citada acima) no período, foi “um dos principais articuladores do uso político do futebol no país e, mais tarde, conquistando a presidência da FIFA, em 1974, com apoio decisivo do regime militar” (FIGOLS, 2025). Cabe ressaltar também que o estádio Caio Martins, em Niterói, se torna o primeiro estádio a ser utilizado como prisão na América Latina, entre abril e julho de 1964. Para fundamentar o alinhamento entre a CBD e a ditadura, o autor evidencia os esforços da Confederação para nacionalizar o futebol, em movimento que “atendia diretamente ao discurso ufanista e à lógica integradora do regime militar, que buscava reforçar a ideia de um Brasil “grande” e “unido” em todos os campos” (FIGOLS, 2025) - contudo cabe considerar também que esse tipo de movimento já era explorado, como a criação da Taça Brasil, criada em 1959 - além da conquista da Copa do Mundo de 1970, tido como uma vitória política.

Outro ponto que cabe analisar é a figura de Médici (terceiro militar a frente do Brasil, governou de 1969 até 1974) como um grande torcedor e apreciador do futebol. Elcio Loureiro Cornelsen e Matheus Marinho, em pesquisa do Núcleo de Estudos sobre

---

<sup>22</sup> FILHO, William Helal. **Marighella**: como foi a emboscada policial que matou o guerrilheiro comunista. O Globo, 2024. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/blogs/blog-do-acervo/post/2024/11/marighella-como-foi-a-emboscada-policial-que-matou-o-guerrilheiro-comunista.ghtml>> Acesso em: 09 out. 2025

<sup>23</sup> FIGOLS, Victor de Leonardo. Futebol e Ditadura. **Ludopédio**, São Paulo, v. 194, n. 26, 2025.

Futebol, Linguagem e Artes (FULIA), disponível no Ludopédio<sup>24</sup>, afirmam que “a imagem de presidente-torcedor é bastante difundida na literatura acadêmica sobre o período” (CORNELSEN, MARINHO, 2020). Tal pesquisa é muito interessante pois, através das autobiografias de Tostão e Pelé e a biografia de Rivellino, escrita por Maurício Noriega, é analisado o uso político da seleção e do título pela ditadura.

Sintetizando a pesquisa, os autores percebem as influências da ditadura militar na seleção brasileira e a consolidação da imagem de presidente-torcedor em exemplos como o elenco campeão da Copa de 1970, ao chegar ao Brasil, ir à Brasília para serem recebidos por Médici; as ligações telefônicas do presidente a alguns atletas também elucidam isso. Rivellino discorre sobre:

Nos cinco jogos que fizemos em Guadalajara, em todos, depois que a gente voltou para a concentração, eu recebi telefonemas do Médici [...].  
Havia muitos militares na delegação. O [major-brigadeiro] Jerônimo Bastos, que era o chefe da delegação, me chamava e dizia que o presidente queria falar comigo. Era aquele papo de sempre, ‘vamos ganhar’ etc. Ele falava ‘parabéns’, aquele papo de torcedor mesmo. [...] Nas conversas com o Médici, pelo menos comigo, ele nunca tocou no assunto de política. (NORIEGA, 2015, *apud* CORNELSEN, MARINHO, 2020)

Ainda cabe ressaltar outra característica marcante do período e que nos dá mais argumentos para evidenciar as influências diretas do regime militar no futebol, que é a grande quantidade de estádios de futebol construídos por governantes do ARENA (Aliança Renovadora Nacional, partido base da ditadura militar). Rafael Fortes e João Manuel Casquinha Malaia se debruçam sobre esse tema, em artigo intitulado “‘Brasil- grande, estádios gigantesco’: toponímia dos estádios públicos da ditadura civil-militar brasileira e os discursos de reconciliação, em 1964-1985”<sup>25</sup>. No total, foram inaugurados “14 estádios públicos estaduais com capacidade para mais de 40 mil pessoas, majoritariamente em estados das regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste” (FORTES, MALAIA, 2021). Os autores enxergam, portanto, que essa prática era uma das estratégias de legitimação do regime.

---

<sup>24</sup> CORNELSEN, Elcio Loureiro; MARINHO, Matheus. A Copa de 1970 e seu uso político: a imagem do general Médici nas narrativas de três protagonistas da Seleção Brasileira. *Ludopédio*, São Paulo, v. 133, n. 61, 2020.

<sup>25</sup> MALAIA, J. M. C.; FORTES, R.. ‘**Brasil-grande, estádios gigantesco**’: toponímia dos estádios públicos da ditadura civil-militar brasileira e os discursos de reconciliação, 1964-1985. *Tempo*, v. 27, n. 1, p. 165–183, jan. 2021.

Tal legitimação se dava por diferentes meios, e um deles é o fato de que 12 destes 14 estádios foram nomeados em homenagem à governadores do ARENA, fato que demonstra as condições de hierarquia de poder e controle da memória na sociedade, ainda hoje, para os autores.

Podemos assim perceber a dinâmica da relação da ditadura militar com o futebol brasileiro no período de criação e consolidação das torcidas organizadas. O alinhamento com a CBD e a construção de estádios de futebol, a nacionalização do futebol, tudo isso convergia com o discurso oficial de um Brasil grande e unido. Para Rafael Fortes e João Manuel Casquinha Malaia

Cordeiro (2014b) argumenta que, para compreender a manutenção e defesa desses nomes, precisamos atentar para a percepção da população sobre a realidade anterior a essas homenagens e sobre o papel desempenhado pelo homenageado. Os estádios alteraram não apenas as urbes em questão, mas também mudaram a geografia do futebol nacional. Os vínculos de governadores da Arena e políticos locais contribuíram para que equipes fossem inseridas na primeira divisão nacional, independentemente de suas qualidades técnicas [...] Com isso, clubes, seleções e craques passavam a comparecer a essas cidades para atuar nos novos estádios. Eventos musicais e até a visita do papa tiveram como palco esses estádios, alterando profundamente a percepção de entretenimento nesses municípios e entorno (FORTES, MALAIA, 2021)

Ainda na parte final, os autores colocam um panorama geral de sua pesquisa que nos dá uma boa compreensão:

A construção, inauguração, escolha do nome e o uso social e popular de estádios durante o período ditatorial abarcam diversos fatores além da oferta de lazer. Estão ligados à reconfiguração do papel e da escala das empreiteiras no país e no exterior, em termos econômicos e políticos. Relacionam-se ao discurso e à percepção dos estádios como exemplos “concretos” e “gigantescos” das realizações da ditadura. São engrenagens do consentimento. O fenômeno também nos ajuda a pensar nas práticas autoritárias e nos projetos de aparelhamento do esporte como uma política de Estado, bem como compreender mais uma camada de discursos de conciliação em nossa transição inconclusa da ditadura para a democracia (FORTES, MALAIA, 2021)

Portanto, a juventude paulista estava inserida nesse contexto de efervescência política, repressão, ebulição cultural, além de um crescimento urbano e industrial. No contexto global da Guerra Fria também se via movimentos sociais de contestação, tal como o Partido dos Panteras Negras, Malcolm X e Martin Luther King nos Estados Unidos, o maio de 1968 na França, as lutas de libertação anticoloniais no continente africano.

Tudo isso se refletia de maior ou menor forma nas torcidas organizadas, uma vez que seus fundadores e membros faziam parte daquela juventude contestadora. Alguns pontos dão fundamento a esse pensamento, como a criação da Torcida Tricolor Independente, em 1972, tendo o nome inspirado tanto em ser independente do clube, quanto nos movimentos de independência que estavam acontecendo no resto do mundo (CANALE, 2020, P. 74); a criação da Gaviões da Fiel como oposição ao presidente do Corinthians à época, Wadih Helu e a fundação da Torcida Jovem do Santos com a finalidade de apoiar o clube e servir de órgão fiscalizador são evidências de que as torcidas organizadas têm em sua criação um sentido de inserção política daqueles torcedores. Aquele torcedor que era silenciado pelos jornais e pelas diretorias de seus clubes, em que nada mais lhe cabia além do apoio cego ao seu time, agora exigia uma maior participação nos rumos do futebol do seu Estado, protestava quando julgava necessário. Dentre as muitas coisas que a criação das torcidas organizadas significou para o futebol brasileiro, uma delas foi uma maior participação da classe trabalhadora, das bases populares das imensas torcidas dos clubes, na política que envolve o futebol: as torcidas se tornam uma das forças políticas que disputam este espaço. E é sobre isso que trataremos de agora em diante neste capítulo.

### **2.3 - As torcidas organizadas enquanto órgão fiscalizador de seus clubes**

Como produto de seu tempo, as torcidas organizadas nascem com características particulares, que a diferenciavam essencialmente das torcidas uniformizadas. Uma das mais enfáticas delas era a necessidade de um registro oficial enquanto entidade, como bem aponta Luís César em sua tese de doutorado intitulada “Sociedade, Futebol, Torcidas Organizadas e Educação: da violência explícita às contradições não evidentes”<sup>26</sup>: “Na nova formatação, um aspecto central é a estrutura burocrática das torcidas, que passaram a ser registradas em cartórios, com um complexo organograma administrativo que inclui presidente, diretores, e conselheiros” (SOUZA, Luís César de, 2014), em que constitucionalmente as torcidas são entendidas tal como outras organizações (fundações, organizações religiosas), tendo regras, necessitando de um conselho, órgão administrativo, recursos financeiros para sua manutenção (CANALE, 2020). Esse fato

---

<sup>26</sup> SOUZA, Luís César de. **Sociedade, futebol, torcidas organizadas e educação: da violência explícita às contradições não evidentes**. 2014. 192 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

reforça outra característica dessas novas entidades que era sua independência, são autônomas em relação a seus clubes.

O fato da torcida caminhar com suas próprias pernas, portanto um distanciamento institucional de seu clube, permite que a entidade faça suas críticas, suas vaias, sem que isso se torne um problema em relação a possíveis percas de benesses como sede cedida pela diretoria do clube, dinheiro para viagens, dentre outras coisas. É claro que esse processo foi bem mais complexo: algumas torcidas, como em Campinas, nasceram com o apoio das diretorias de Guarani e Ponte Preta, enquanto a Torcida Independente nasce com um claro sentido de independência e os Gaviões da Fiel surge com o intuito de ser oposição contra Wadih Helu, presidente do Corinthians. Como já dito acima, os anos seguintes a criação das primeiras torcidas organizadas foram marcados por centenas de novas entidades, e nem todas agiam da mesma forma ou com o mesmo interesse: as experiências foram diversas. Porém, com o tempo, se torna mais evidente tais características defendidas no presente trabalho, como a independência e a inserção na vida política do futebol.

Tendo isso em mente, cabe agora atentar como essas novas entidades torcedoras entraram na vida política, quais as estratégias utilizadas para defender suas ideias e suas visões em defesa do futebol e de como o seu clube deve gerido. Um caso revelador sobre isso é a relação da torcida do Santos com a diretoria do clube durante os anos 1977 e 1978. O clube vinha não vivia bons momentos: apesar de um título paulista em 1973 (compartilhado com a Portuguesa, em uma das mais curiosas histórias do campeonato paulista), o clube passara por uma enorme dívida e pela renúncia da diretoria, formada por um triunvirato, em 1975. Nesse cenário, as torcidas do clube se organizaram através da ATOS (Associação das Torcidas Organizadas do Santos), e é uma rica fonte para nosso estudo. A ATOS criou manifestos com reivindicações e críticas a respeito das transações dos atletas do clube e debateu a possibilidade do abandono dos estádios como forma de protesto (CANALE, 2020). Em 1977, após uma derrota por 2 x 0 para o Cruzeiro dentro do Pacaembu, a torcida santista invadiu o campo, causando grande confusão. Tal situação de instabilidade levou a diretoria do Santos a se reunir com dirigentes das principais torcidas organizadas do clube.

Os representantes das cinco torcidas organizadas do Santos prometiam uma mudança de atitude: passariam das vaias, xingamentos e agressões ao auxílio na administração santista. O desejo dos torcedores santistas era uma participação mais direta na gestão do clube e a manutenção de um diálogo mais efetivo, e, em troca, proporcionariam um ambiente mais tranquilo nas

De acordo ainda com a tese de Vitor Canale (2020), esse cenário político misturou a aproximação das torcidas organizadas com a diretoria do clube, com Modesto Roma a frente, com a militância dessas mesmas torcidas junto da oposição. A insatisfação, claro, ultrapassava as torcidas organizadas e novos casos de confusão ocorreram (e nessas ocasiões pode-se presumir que dentre os envolvidos, provavelmente haviam membros de torcidas e torcedores comuns). Contudo, a ATOS assumia uma postura de não concordância quanto a estes casos, por vezes argumentando que a Polícia Militar também tinha sua responsabilidade pela truculência contra os torcedores. Também declararam à Rubens Quintas, opositor de Modesto Roma, que ganhara a eleição para presidente, que teriam paciência com sua gestão. A relação entre torcidas e diretoria teve momentos de união, com a associação tendo uma sala na Vila Belmiro, uma certa parceria para atrair novos sócios para o clube e uma tentativa de democratização das informações do clube para a torcida da cidade de São Paulo:

O órgão seria responsável pela divulgação de informações internas do clube que inquietavam os adeptos: demissão de técnicos, multa a atletas e outras informações que não eram divulgadas a contento pela imprensa (CANALE, 2020, p. 210)

Contudo, ao mesmo tempo, essa presença não era totalmente bem vista: Zito, ídolo do clube e na época diretor de futebol (hoje existe uma estátua dele na frente da Vila Belmiro e a faixa de capitão do clube leva a letra Z em sua homenagem, portanto cabe atentar a sua relevância dentro do clube), não aceitava as interferências das torcidas nas decisões, bem como Laércio Milani, também diretor, que propunha acabar com a relação com as torcidas organizadas por conta das invasões de campo e pela violência (CANALE, 2020). Contudo, apesar de uma inserção maior na vida política do clube, as torcidas queriam mais, e é possível ver isto através de Cosme Damião, líder histórico da Torcida Jovem:

E se as conjecturas de Cosme Freitas estivessem corretas, era apenas uma questão de tempo até que a torcida chegasse ao comando do clube, pois “na verdade, a Associação de Torcidas Organizadas do Santos é uma escola. Nós estamos formando o pessoal que vai tomar conta da direção do clube. Estamos treinando futuros dirigentes” (CANALE, 2020, p. 211)

Esse pequeno recorte das relações entre torcidas organizadas e diretoria do clube



reforça o argumento central de que, dentre os significados das torcidas organizadas, estavam uma busca por maior participação política a respeito de seu clube. Sendo a diretoria do Santos um ambiente fechado para a maioria, portanto com a massa santista excluída das tomadas de decisões sobre o presente e o futuro do clube (seja em relação a grande dívida que o clube possuía, seja com a contratação e negociação de atletas, etc.), a violência foi utilizada pelas torcidas santista de maneira política tanto como forma de protesto, quanto barganha para a sua inserção enquanto ator político do clube. Também a união de várias torcidas em uma única entidade, a ATOS, em busca de objetivos em comum, é fato de extrema importância, pois nos mostra outra tática utilizada pelas torcidas. Apoios a grupos ou políticos e diretores do clube que representam a oposição também são meios que as torcidas (e não só as do Santos) utilizaram para se inserir no contexto político: no caso do Santos, o apoio da ATOS à oposição do clube, em troca de uma maior abertura para as torcidas quando a oposição se tornou a situação. E vale dizer também que há pessoas da diretoria que resistem a essa ideia, reforçando a situação debatida sobre as diretorias dos clubes serem, via de regra, lugares elitistas, que não permitiam a participação popular. Sendo assim, essas relações nos reforçam a ideia de que as torcidas organizadas, dentre outras coisas, são entidades que buscam uma maior participação popular dentro do futebol.

Seguindo nessa linha de pensamento, a Gaviões da Fiel, uma das principais rivais históricas da citada acima Torcida Jovem do Santos, também é um prato cheio para a análise das relações entre torcida e diretoria, e Vitor Canale também analisa bem essas conexões:

A política do Parque São Jorge era um campo restrito a poucos agentes desde a década de 1940, quando começaram longas gestões presidenciais. Apenas os sócios votavam para o preenchimento do conselho deliberativo, que, por sua vez, elegia o presidente. Os torcedores não participavam desse processo (CANALE, 2020, p. 33)

Dentro deste contexto surgem dois nomes, representando dois grupos políticos, que polarizaram a política do clube por muitos anos: Vicente Matheus, presidente de 1959 a 1961, de 1972 a 1981 e depois de 1987 a 1991, e Wadih Helu, de 1961 até 1971<sup>27</sup>.

Para além deste continuísmo na presidência do clube, outros fatores levaram a uma grande crise política no Corinthians. O clube não ganhava um título desde o

---

<sup>27</sup> Informação presente no site Meu Timão: <<https://www.meutimao.com.br/historia-do-corinthians/fatos-marcantes/os-presidentes-do-corinthians>> acesso em: 25 nov. 2025

Campeonato Paulista de 1954, o que gerava uma maior insatisfação e cobrança da torcida. Para além disso, Vitor Canale nos evidencia, através de relatos de torcedores e jornais e revistas da época (O Estado de São Paulo e a Revista Placar), que a diretoria do clube não via com bons olhos as manifestações dos torcedores e recorriam à violência em alguns casos: José Inatê da Silva, um dos grandes nomes da torcida do Corinthians na época, foi o principal articulador de uma grande passeata da torcida corinthiana contra Wadih Helu, em 1968. Cinco dias depois foi agredido por dois homens que não foram identificados, em um jogo no Pacaembu. Para José, Helu teria sido o mandante das agressões. Já em outro caso, pouco tempo depois dessa agressão, o Corinthians perdia por 3 x 0 do Palmeiras e houve protestos do lado de fora do estádio.

Segundo Flávio La Selva [famoso torcedor corinthiano], o mandatário corinthiano fez questão de passar pelo meio do protesto com seu carro, e o diretor de futebol, Elmo Franchini, ameaçou os torcedores com um revólver (CANALE, 2020, p. 34).

Ainda, o autor cita, através das memórias de Cláudio Romero – um dos fundadores da Gaviões da Fiel – que após essa partida, alguns torcedores se viram na necessidade de criar um novo grupo. Pouco depois, estava formada a Gaviões da Fiel, hoje a principal torcida organizada do Corinthians.

A torcida, logo quando surge, cai nas graças da oposição do clube, sobretudo de Vicente Matheus. Nas eleições para a presidência, em 1971, os Gaviões eram uma força política nova e já se mostrava influente. Contudo, assim como aconteceu com a Torcida Jovem do Santos, os Gaviões não eram bem vistos, de maneira geral:

algo mudava no futebol paulista e era para pior, de acordo com a avaliação de A. Mendes, colunista da Folha de S.Paulo. Os Gaviões da Fiel queriam subverter a lógica do Corinthians. Suas vaías atacavam ao mesmo tempo o clube, os jogadores e os outros torcedores. O instrumento de denúncia dos jovens se amplificou pelo estádio e pela redação do jornal e representava um desacato ao princípio básico do torcedor, o apoio incondicional. (CANALE, 2020, P. 35)

Mesmo assim, a torcida era uma das forças políticas nas eleições, representando sobretudo as arquibancadas e a juventude torcedora do Corinthians.

Contando majoritariamente com jovens entre 17 e 24 anos, os Gaviões da Fiel tinham uma conduta destoante em seu envolvimento no processo eleitoral, o que

acirrava as hostilidade e perseguições dos capangas de Helu. (CANALE, 2020, P. 38)

Esse contexto de criação dos Gaviões era marcado por opressão e violência da diretoria de Helu contra seus opositores. São vários os casos de intimidações e agressões contra torcedores na arquibancada e membros da nova torcida organizada. Os membros da Gaviões não podiam frequentar o clube e votar, muito por conta das manifestações políticas no Parque São Jorge. Helu argumentava que eles eram baderneiros, maus elementos. Ainda assim, mesmo com toda essa opressão do período, como já dito acima, dentre outras coisas, a Gaviões significa, em seu surgimento, um novo ator político dentro do Corinthians, um ator político vindo, sobretudo, da base torcedora do time, das classes mais baixas.

Apesar da intimidação, a torcida prometia um envolvimento maior nos assuntos do clube. Tornar-se um grupo de pressão reconhecido implicava a caracterização jurídica dos Gaviões da Fiel e o registro de seu estatuto. Na política interna, o plano era estimular seus adeptos a se tornarem sócios do Corinthians para terem direito a voto e candidatura para o conselho deliberativo (CANALE, 2020, P. 41)

## **2.4 – O entendimento coletivo das torcidas: o caso da ATOESP**

Para finalizar, cabe analisar um dos casos mais emblemáticos que reforçam a percepção das torcidas organizadas enquanto movimentos que buscavam a defesa de seus interesses dentro de um espaço social excludente. Em 1976 nasce a Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo (ATOESP). Tendo como seu primeiro presidente Flávio La Selva, fundador dos Gaviões da Fiel, a associação contou com as torcidas organizadas dos principais clubes da cidade de São Paulo, além de representantes do interior. Apesar da enorme rivalidade existente, Torcida Jovem do Santos, Gaviões da Fiel, Leões da Fabulosa (torcida organizada da Portuguesa de Desportos), Torcida Jovem da Ponte Preta, Guerreiros da Tribo, do Guarani, dentre outras, se organizaram para a defesa comum de seus interesses enquanto torcedores que sofriam com as mesmas formas de opressão nos estádios.

A ATOESP comprou diversas brigas nesse sentido. Uma delas era em relação à organização dos jogos para conter a violência nos estádios, que havia se intensificado nos últimos anos. Em diálogo com o secretário de segurança pública, que na época era Antônio Erasmo Dias, a entidade criticava a busca incessante da Federação Paulista de

Futebol por grandes lucros nos jogos e desrespeitava a capacidade dos estádios, o que inúmeras vezes gerava tumulto nas arquibancadas. Além disso, a associação defendia medidas “como a separação das torcidas nas arquibancadas, a fiscalização contra a venda de bebidas alcoólicas durante as partidas e a doação de recipientes de plástico para refrigerantes” (CANALE, 2020, P. 198). Pode-se perceber também, através deste caso, que as torcidas organizadas, através da ATOESP, mantinham contato com o secretário, o que por sua vez dava uma influência maior para as organizadas em suas pautas

Em outro caso, dessa vez a respeito do campeonato paulista de 1979, a ATOESP entrou em conflito com a Federação Paulista de Futebol. Com os argumentos de que o campeonato possuía muitos jogos que não valiam nada, muitos em períodos curtíssimos de tempo, com a alegação de que há anos o campeonato paulista estava extremamente bagunçado e por isso se via inclusive uma grande diminuição do público no estádio, a associação planejou um boicote nas partidas de seus times:

Os representantes das principais torcidas organizadas prometiam se insurgir contra o campeonato. O caminho a ser trilhado seria debatido entre os grêmios na reunião da Atoesp, com a participação dos Gaviões da Fiel, Torcida Jovem do Santos, Torcida Uniformizada do São Paulo e Leões da Fabulosa. A proposta do boicote aos jogos ganhava repercussão com o apoio de Hélio Silva e Cosmo Damião Freitas, dois dos vice-presidentes da Atoesp (CANALE, 2020, P. 234)

O boicote, de fato, não ocorreu. Contudo, após reuniões para decidir o que iriam fazer, a ATOESP entregou um documento com diversas reivindicações contra a Federação Paulista de Futebol, que foi distribuído para a mídia paulista, tanto nos rádios quanto nos jornais. As reivindicações iam desde a fórmula do campeonato, passando pelo preço dos ingressos e pedindo a “saída dos presidentes dos clubes do conselho arbitral da FPF, por acreditarem que os mandatários não pensavam no bem geral, apenas nos seus clubes.” (CANALE, 2020, P. 237). Vale destacar que o documento foi assinado por 25 torcidas organizadas. O caso da ATOESP sintetiza não só as torcidas organizadas enquanto entidades que defendem os interesses dos torcedores de um clube, mas que pensam e se enxergam de maneira coletiva, buscando mudanças e avanços no futebol de maneira geral.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho analisou como as torcidas organizadas, aqui especificamente no Estado de São Paulo, se tornaram atores políticos dentro do futebol, um esporte que historicamente elitizado. A partir do estudo e da análise de sua criação, podemos entender como esse esporte nasce no seio da burguesia industrial inglesa, sendo sinônimo de status social e interação entre as pessoas de mesmo convívio e passa, gradativamente, para a sua popularização e sua forma espetacularizada.

Assim, podemos entender os motivos do esporte ter chegado ao Brasil e sua trajetória no país, bem como seus significados. No princípio, um esporte dedicado para pessoas da elite social, também como forma de status social. Porém, com os clubes de fábrica, os campos de várzea e a popularização dos clubes de futebol e sua torcida, o esporte se encontra em um conflito que perdura até os dias atuais: os presidentes e membros das federações de futebol, bem como da institucionalidade dos clubes, via de regra homens vindo das elites e as massas torcedoras, que são verdadeiras multidões formadas, em sua maioria, por pessoas periféricas, das classes médias e baixas da sociedade.

Percebe-se que este conflito é presente em quase toda a história do futebol no Brasil, e o primeiro capítulo desta monografia elucida isso: é o caso do Corinthians no campeonato paulista de 1917, ou o caso do Vasco da Gama em 1926, que nos mostra que a inserção popular no futebol brasileiro, desde o primeiro momento, não foi bem aceita pelas elites que comandavam o esporte. Jogadores pretos e pobres eram motivos de briga e até de ruptura de campeonatos.

Sendo assim, a pesquisa destacou que a mesma coisa ocorria com as torcidas. As primeiras organizações torcedoras, as Torcidas Uniformizadas (cabe sempre destacar que são diferentes das Torcidas Organizadas), eram praticamente braços das diretorias dos clubes nas arquibancadas. Compostas majoritariamente por membros da classe média alta e da elite econômica, essas torcidas são produtos de seu tempo, criadas em um momento em que os estádios começam a atingir públicos grandiosos. E é nesse contexto que surge a imagem, bem excludente e antidemocrática, de um torcedor ideal, que não protesta, não vaia, e sua função só se resume ao apoio acrítico ao seu time de futebol. Os cartolas dos clubes e os jornalistas, portanto, rejeitam a ideia do torcedor que reclama, que pede a sua

saída e a saída de jogadores, etc.

É nesse sentido que entram as torcidas organizadas. Também produtos de seu tempo, de uma juventude contestadora, criada sob a guerra fria, contemporâneos de diversos movimentos políticos e sociais ao redor do mundo. As torcidas organizadas trazem novas características para o torcedor, como sua burocratização, estatutos, cargos de direção, etc. Colocando abaixo a ideia de um “torcedor ideal”, as torcidas organizadas lutam pelas baixas nos preços dos ingressos, contra dirigentes corruptos e opressores, cobram desempenho em campo e o mais importante: trazem o pobre para ser esse ator político importante dentro de um meio historicamente elitista. As torcidas organizadas significaram uma inserção da classe trabalhadora em um ambiente que historicamente não era permitida a ela participar.

Hoje o movimento segue extremamente ativo e influente, porém ainda segue marginalizado: os jornais e dirigentes dos clubes ainda temem a sua presença nos espaços de decisão, e por isso julgo a importância de tal pesquisa, de demonstrar a importância que as torcidas organizadas tiveram (e ainda tem) para o torcedor no futebol. Se, como foi estudado aqui, nos anos 1970 elas se organizavam através da ATOESP, hoje praticamente todas as torcidas relativamente grandes do país fazem parte da ANATORG, a Associação das Torcidas Organizadas do Brasil, o que nos revela que ainda estão buscando esse espaço dentro do futebol.

## FONTES

AMARAL, Deivison. **Por que o Ministério do Trabalho foi criado?** *Café História*, 13 maio 2019. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/por-que-ministerio-do-trabalho-foi-criado/>. Acesso em: 03 set. 2025.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DAS TORCIDAS ORGANIZADAS DO BRASIL (ANATORG). **Torcidas afiliadas**. Disponível em: <https://anatorg.com.br/torcidas-associadas-a-anatorg/>. Acesso em: 07 mar. 2026.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Sul-Americano 1919**: primeiro título da Seleção completa 100 anos. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/noticias/selecao-masculina/sul-americano-1919-primeiro-titulo-da-selecao-completa-100-anos>. Acesso em: 14 abr. 2025.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **História**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conaes-comissao-nacional-de-avaliacao-da-educacao-superior/97-conhecaomec-1447013193/omec-1749236901/2-historia>. Acesso em: 03 set. 2025.

MUSEU DO FUTEBOL. **Centro de Referência do Futebol Brasileiro** – Instituições. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/instituicoes/474803/>. Acesso em: 01 set. 2025.

## REFERÊNCIAS

CANALE, Vitor. **A sociogênese do associativismo entre as torcidas organizadas** – uma história da ATOESP (Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo). São Paulo. P 1-15. 2018. Disponível em: < <https://museudofutebol.org.br/crfb/acervo/693805/>>. Acesso em: 08 out. 2025

CANALE, Vitor dos Santos. **Um movimento em muitas cores**. 2020. 340 f. Tese (Doutorado em História) - Escola de Ciências Sociais, Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro, 2020.

CNN BRASIL. **Leila Pereira sobe no ranking de mulheres mais ricas do Brasil**; veja patrimônio. 6 set. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/leila-pereira-sobe-no-ranking-de-mulheres-mais-ricas-do-brasil-veja-patrimonio/>. Acesso em: 12 mar. 2025.

CORNELSEN, Elcio Loureiro; MARINHO, Matheus. A Copa de 1970 e seu uso político: a imagem do general Médici nas narrativas de três protagonistas da Seleção Brasileira. **Ludopédio**, São Paulo, v. 133, n. 61, 2020.

DUWE, Ricardo. **A Coluna Prestes**. In: Estação Brasil. *Podcast*. Spotify. 17 de jul. 2025. Disponível em: < <https://open.spotify.com/episode/3RFVgdehrVcRHPW4qE2bGu?si=rYvg2085RIWhzVIOhEjAqg> > Acesso em: 01 set. 2025

ESPORTE NEWS MUNDO. **Torcida do Palmeiras protesta contra a diretoria em frente ao Allianz Parque**. *Terra*, 22 jul. 2023. Disponível em: < <https://www.terra.com.br/esportes/palmeiras/torcida-do-palmeiras-protesta-contr-a-diretoria-em-frente-ao-allianz-parque,8acd0effb90a627df36b2f5b7f1ca409jfz5xhgv.html> >. Acesso em: 10 fev. 2025.

FIGOLS, Victor de Leonardo. Futebol e Ditadura. **Ludopédio**, São Paulo, v. 194, n. 26, 2025.

GLOBOESPORTE.COM. **Bolsonaro chega à arena do Palmeiras para ver jogo do título; opositores protestam com cartazes**. São Paulo, 2 dez. 2018. Disponível em: < <https://ge.globo.com/futebol/times/palmeiras/noticia/bolsonaro-chega-a-arena-do-palmeiras-para-ver-jogo-do-titulo-opositores-protestam-com-cartazes.ghml> > Acesso em 05 set. 2025

HELAL FILHO, William. **Marighella**: como foi a emboscada policial que matou o guerrilheiro comunista. *O Globo – Blog do Acervo*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/blog-do-acervo/post/2024/11/marighella-como-foi-a-emboscada-policial-que-matou-o-guerrilheiro-comunista.ghml>. Acesso em: 09 out. 2025.

LEAL, Bernardo Ferreira Estillac; MARÇAL, Igor Junio Barbosa; BAYMA, Marco Túlio Veras. **Galoucura e Máfia Azul**. 2018. 47 f. Monografia (Bacharel em Jornalismo e Relações Públicas) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

MASCARENHAS, G. O futebol no Brasil: reflexões sobre paisagem e identidade através dos estádios. In: BARTHE-DELOIZY, F.; SERPA, A. (org.). **Visões do Brasil**: estudos



culturais em Geografia. Salvador: EDUFBA; L'Harmattan, 2012. p. 67-85.  
<https://doi.org/10.7476/9788523212384.0005>

MEU TIMÃO. **Os presidentes do Corinthians**. Disponível em:  
[https://www.meutimao.com.br/historia-do-corinthians/fatos-marcantes/os\\_presidentes\\_do\\_corinthians](https://www.meutimao.com.br/historia-do-corinthians/fatos-marcantes/os_presidentes_do_corinthians). Acesso em: 25 nov. 2025.

MIRANDA, Melina Nóbrega. Futebol e o projeto de unidade nacional no Estado Novo (1937-1945). **Simpósio Internacional Processo Civilizador, X, Campinas, São Paulo**, 2007.

MUSEU DO FUTEBOL. **Centro de Referência do Futebol Brasileiro** – Instituições. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/instituicoes/473697/>. Acesso em: 04 jun. 2024.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **PIU Pacaembu** – saiba mais. Disponível em: <https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/piu-pacaembu-saiba-mais/>. Acesso em: 09 mar. 2026.

REIS, Heloisa Helena Baldy. **Futebol e violência**. Campinas. Editora Armazém do livro. 2006.

RODRIGUES, Marcio Silva. **Os mercadores de emoção**. 2006. 275 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Faculdade de Administração, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; FORTES, Rafael. **“Brasil-grande, estádios gigantescos”**: toponímia dos estádios públicos da ditadura civil-militar brasileira e os discursos de reconciliação, 1964-1985. *Tempo*, Niterói, v. 27, n. 1, p. 166-183, 2021.  
<https://doi.org/10.1590/tem-1980-542x2021v270109>

SANTOS, Tarciane Cajueiro. Os primeiros passos do profissionalismo ao futebol como Megaevento. In: **Trabajo presentão em Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – INTERCOM, Rio de Janeiro, Brasil. 1999.

SOUZA, Elyandra Caroline Alves de. **A história do futebol no Brasil**: apontamentos acerca da periodização historiográfica. 2010, São Paulo. I Simpósio Internacional de estudos sobre futebol. Simpósio 2010.

SOUZA, Luís César de. **Sociedade, futebol, torcidas organizadas e educação**: da violência explícita às contradições não evidentes. 2014. 192 f. 2014. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.